



Evento: informe qual o evento: XXI Jornada de Extensão, XXVIII Seminário de Iniciação Científica ou X Seminário de Inovação e Tecnologia

FILOSOFIA E PSICOLOGIA: OLHARES DIFERENTES SOBRE A SUBJETIVIDADE HUMANA¹

PHILOSOPHY AND PSYCHOLOGY: DIFFERENT LOOKS ON HUMAN SUBJECTIVITY

Tércio Inácio Jung², Daiane Raquel Steiernagel³

¹ Trabalho realizado a partir da disciplina de História da Psicologia do curso de Psicologia da Unijuí.

² Graduado em Filosofia; estudante do curso de Psicologia da Unijuí.

³ Professora doutora do curso de Psicologia da Unijuí.

RESUMO

O estudo proposto tem como objetivo realizar uma contextualização histórica, demonstrando as confluências e divergências entre os temas pesquisados na Filosofia e na Psicologia, bem como da influência da primeira disciplina em relação à segunda. Para tal, parte-se do estudo do conceito de alma/ânima, tendo este como base para o trabalho, pois ele nos permite pontuar convergências e mudanças nas temáticas de interesse da construção dos saberes em Filosofia e em Psicologia.

Palavras-chave: Psicologia. Filosofia. Alma. Ânima. Subjetividade.

ABSTRACT

The proposed study aims to perform a historical contextualization, demonstrating the confluences and divergences between the themes researched in Philosophy and Psychology, as well as the influence of the first discipline in relation to the second. To this end, we start from the study of the concept of soul/"anima", based on this work, because it allows us to point out convergences and changes in the themes of interest in the construction of knowledge in Philosophy and Psychology.

Keywords: Psychology. Philosophy. Soul. "Anima". Subjectivity.

INTRODUÇÃO

A Psicologia é uma Ciência jovem se comparada com a filosofia, entretanto é possível entrever várias fontes, dos temas que ela passou a estudar/pesquisar, nas antigas teorias filosóficas. Apesar de situar suas origens formais no século XIX, ela é considerada a continuação de uma longa tradição filosófica, de questionamentos a respeito do ser humano,



da consciência, da moral, do comportamento, da vida em sociedade e assim por diante. Isto evidencia que a questão da subjetividade humana sempre esteve em voga e movimentou muitas pessoas na busca de respostas e entendimentos a seu respeito.

Os precursores da Psicologia remontam à antiguidade clássica, especialmente a grega, já que dentro dessa sociedade mediterrânea muitos dos grandes pensadores emergiram, com profundas teorias que ainda hoje intrigam e inspiram estudos e pesquisas.

Filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles, ainda no século V, IV e III a.C., já se debruçaram sobre perguntas a respeito do ser humano, tendo como conclusão de que as pessoas seriam formadas por um corpo e "alma", e que nesta residiria os aspectos mentais, intelectuais e morais do indivíduo.

A FILOSOFIA DESVELANDO A “ALMA”

Filosofia e Psicologia são duas disciplinas que compartilham um lugar consagrado na história da humanidade. Apesar da pouca idade da Psicologia, quando comparada com a Filosofia - que surgiu na Grécia, em torno de 2500 anos atrás – pode-se dizer, que essa, desde a sua origem, tinha em seu âmago estudos que depois passariam a ser a preocupação das pesquisas em Psicologia.

O termo "filosofia" vem do grego, da junção das palavras "philo" e "sophia", que podem significar “amizade” e “sabedoria”, resultando em definições como “amigo do saber”, ou "amor pela sabedoria". O objetivo inicial da filosofia é ir além das explicações mitológicas para questões que intrigam o entendimento humano, como questões sobre existência, o começo e o fim do Universo e da vida humana, a necessidade dos deuses, a inevitável vida em sociedade. Os filósofos buscavam apresentar uma sistematização racional para questões mais amplas, que pudessem deixar claro como a vida “funcionava” no Universo. Depois, também, passaram a se interessar por temas como a questão da verdade, da virtude, da moralidade, da beleza e da democracia.

Mais recentemente, a Filosofia ainda inclui temas como a própria racionalidade, a empiria, a linguagem, o contrato social, dentre vários outros, mas sempre, naquela mesma busca pelo saber, por uma sistematização racional do que intriga o entendimento humano. Como regra geral, a pesquisa em Filosofia é realizada de forma não empírica. Em vez disso,



os cientistas usam os métodos de análise conceitual, experimentos mentais, especulação ou outros procedimentos, a priori.

Já a palavra "psicologia" vem das palavras gregas "psyché" e "logia". Pode-se traduzi-las, também, como "alma" e "estudo". Psicologia significa, portanto, o estudo da alma. Em sua origem latina, o termo *psychologia* designava o estudo da obra de Aristóteles *De Anima* (Sobre a Alma). Lembrando que o sentido “moderno” da Psicologia surgiu na Alemanha no século XVIII.

Enfim, enquanto a Filosofia está voltada para questões mais gerais e amplas, a Psicologia quer entender, “apenas”, a subjetividade do humano, ou seja, o que acontece no interior da pessoa. Ao fazer isso, ela também leva em conta os estímulos aos quais estamos expostos através de nosso ambiente. Os psicólogos querem continuar a entender como o ser humano recebe, interpreta e “sente” as sensações e as informações, buscando desvelar, assim, a estrutura psíquica do indivíduo/a subjetividade constituída e constituinte da pessoa.

Por várias razões, a Filosofia contribui para os estudos em Psicologia. Grande parte das teorias psicológicas baseiam-se em pressupostos trazidos da filosofia. Em contraste, as respostas, que caracterizam essas duas ciências, são geralmente diferentes. Embora possam compartilhar objetos de investigação, elas têm formas diversas de ver o ser humano, por exemplo. Mesmo com as mesmas perguntas iniciais, Filosofia e Psicologia nem sempre chegam às mesmas conclusões.

Em termos de métodos, comparando a Filosofia à Psicologia Moderna - as primeiras correntes psicológicas desenvolvidas - pode-se dizer que a filosofia trabalha mais com categorias conceituais e as relações que existem entre elas, estando aberta a métodos diversos. Por outro lado, a Psicologia Moderna é fortemente baseada no empírico e no “encontro real”, concentrando-se mais, no princípio, em experimentos, observações e análises concretas de hipóteses.

Em termos dos objetivos das disciplinas, a Filosofia é mais orientada pela razão e pela estruturação lógica na explicação de diversas questões, enquanto a Psicologia Moderna se concentra mais na observação real da subjetividade humana. A Filosofia define sistemas ou categorias que servem para explicar questões mais amplas, como já visto. Em vez de estudar o mundo como um todo, a Psicologia, por outro lado, tenta isolar variáveis subjetivas do agir,



pensar ou sentir humano e levar em conta as diferenças individuais, mesmo que contextualizadas em sociedade.

Ambas as disciplinas, Filosofia e Psicologia, estudam o ser humano e a sua forma de pensar, sentir e agir. Elas têm semelhanças e diferenças e às vezes interpretam os mesmos fatos de maneiras diversas. No entanto, elas compartilham muitas teorias e saberes.

DA ANIMA DE ARISTÓTELES

Aristóteles de Estagira (384-322 a.C.) pode ser cogitado entre os primeiros filósofos a tratar de temas relacionados a Psicologia, pois ele é o primeiro a considerar questões relacionadas à vida, comportamento e conhecimento como fenômenos da natureza que, como tal, merecem estudo empírico e tratamento científico. Para o filósofo, a *psyché* é o princípio da vida, sensação e pensamento. Isto equivale a oferecer uma definição tão ampla que seu estudo não se encaixa no tratado que especificamente Aristóteles dedica à alma, logo, a “psicologia” dele não está, apenas, relacionada a outros conhecimentos, como Física ou Metafísica, mas também, aos tratados de Ética, Retórica ou Lógica.

A psicologia está relacionada à Física, que é o estudo dos seres “moventes” em geral, dos quais os seres animados, com alma, plantas, animais e o ser humano fazem parte. Com a Metafísica ele procura entender a razão final do movimento, expondo a teoria da potência e o ato como uma explicação do movimento, bem como a teoria do Hylemorfismo (Matéria=Potência Forma=Ato), com a qual é necessário relacionar sua definição da alma como *eidos* ou *morphé*, ou seja, forma ou essência do corpo. Na Retórica, Aristóteles estuda afetos, paixões e sentimentos, bem como a questão do caráter em relação à idade. Na Ética podemos encontrar uma teoria de atos volitivos ou motivação associada à busca do prazer e da força dos hábitos. Por fim, na Lógica, ele estuda os processos relacionados ao conhecimento superior ou intelectual.

Quanto aos tratados específicos referentes diretos a Psicologia, temos em primeiro lugar a obra “Da Anima”, mas também, há outros tratados que se referem ao que hoje se estuda na Psicologia e na Biologia, como: Da sensação e do sensível; Da memória e reminiscência; Do sono e da vigília; Dos sonhos; Da adivinhação pelo sonho; Da longevidade e brevidade da vida; Da juventude e da velhice; Da vida e da morte e Do fôlego; Da



respiração; Da história dos animais; Das partes dos animais; Do movimento dos animais; Da marcha dos animais; Da geração dos animais.

Em “Da Anima”, Aristóteles renúncia à teoria dualista entre corpo e mente, abordada na tradição pitagórica, assim como longamente aprofundada pelo seu mestre Platão, da mesma forma que renuncia aos pressupostos "mitológicos", a fim de chegar à formulação de uma teoria da unidade substancial do corpo e da alma, afirmando que podemos concordar, portanto, que aquilo que afeta a alma é inseparável do substrato material da vida animal.

Podemos encontrar, também, como que uma nova versão da teoria platônica da alma tripartite, embora Aristóteles a formule de forma mais científica, a partir de seus estudos e sua observação da natureza. Aristóteles escreve sobre três tipos de almas: uma “alma vegetativa”, a qual incluiria as funções biológicas da nutrição e reprodução; uma “alma sensível”, sobre a qual recairiam as funções animais de sensibilidade, que proporcionam prazer e dor, e finalmente, uma “alma racional” que englobaria as funções intelectiva. A alma vegetativa seria apenas das plantas, as sensíveis dos animais, que também possuem a primeira e a racional seria apenas dos seres humanos, que também possuem os dois anteriores. O ser humano possuiria, então, de acordo com essa teoria aristotélica, as três almas: vegetativa, sensível e racional.

Assim, para aqueles seres ou espécies que possuem apenas uma alma vegetativa seu propósito será simplesmente sobreviver. Para aqueles que têm uma alma sensível, a tarefa de sobreviver será adicionada a satisfação dos apetites. Para os seres humanos a tarefa se complica, pois para a alma racional não será suficiente apenas a sobrevivência e a satisfação dos apetites, mas tenderá a desenvolver um padrão de vida mais elevado, almejando também preencher o desejo natural do conhecer e entender a Natureza e a si próprio, ampliando os propósitos finais do ser humano.

O conhecimento começa, para Aristóteles, nos sentidos, sendo portanto, um conhecimento do concreto, empírico, o que implica uma relação direta entre o sujeito que conhece e o objeto que é conhecido. Os sentidos que Aristóteles lista são cinco: visão, audição, olfato, paladar e tato.

As mensagens dos cinco sentidos se unem no que ele chama de "sentido comum", e neste viés, o mais intrigante é que, apesar de seu amplo conhecimento adquirido através da observação empírica, o centro das sensações, para Aristóteles, é o coração e não o cérebro.



Observa, por outro lado, que muitas vezes, os conteúdos produzidos pelos sentidos perduram, mesmo que o estímulo sensorial já tenha desaparecido, reproduzindo-se na imaginação e na memória, que funcionam com base em imagens. No que diz respeito à memória, Aristóteles propõe uma certa teoria da associação de ideias em razão de similaridade, contraste ou contiguidade, além de afirmar que certos hábitos lógicos favorecem a lembrança.

Aristóteles também formula algo semelhante a uma teoria da percepção, na medida em que afirma que, em razão da proporção aritmética, a escassez de excitantes não produz qualquer sensação no órgão correspondente, bem como, por outro lado, o excesso danifica o órgão receptor. Assim, a sensação seria definida a partir de um "meio termo".

Quanto ao conhecimento intelectual, Aristóteles oferece uma teoria da “inteligência passiva”, uma espécie de recipiente vazio, onde as informações dos sentidos são precipitadas, e da “inteligência ativa”, responsável pela tarefa de converter as informações concretas dos sentidos em conceitos universais.

Sobre a origem e a natureza da alma, Aristóteles expõe algumas ideias vagas e confusas. A alma inferior seria hereditária pela transmissão no ato de geração, a alma sensível seria mortal, enquanto a alma intelecto, seguindo Platão, viria de fora e seria de origem divina.

Enfim, a partir “Da Anima”, torna-se possível afirmar que Aristóteles foi o precursor em assuntos psicológicos, buscando entender melhor a subjetividade humana, além é claro, como filósofo, de querer explicar questões mais amplas, como o que “anima” tudo o que tem vida, não só no Planeta mas até no Universo.

DEPOIS DOS GREGOS, PARA ONDE FOI A “ALMA”?

Depois deste astronômico alvorecer da filosofia grega, chega-se ao período Romano, período fortemente marcado pelo cristianismo, ou seja, a época das elaboradas teorias teológicas, como a de Santo Agostinho (354 a 430 d.C). Santo Agostinho acreditava que a alma encontra-se separada do corpo. E que ela seria a manifestação de Deus no homem, o que possibilitaria que este se tornasse imortal. Já São Tomás de Aquino, outro grande teólogo da Igreja Católica, que viveu bem mais tarde, entre 1225 e 1274 d. C., postulava que a alma é anterior ao corpo e o anima, lhe dando vida. A alma é constituinte do ser. Ele inspira-se em



Aristóteles e estabelece a distinção entre essência e existência e atribui um caráter religioso a boa parte da teoria aristotélica.

Assim como antes, os filósofos dirigiam as elucubradas reflexões para a vida, o ser humano, o Universo e a Natureza. Entretanto, entre os séculos V e XIV (Idade Média), a Igreja exerce um papel de domínio, pois ela toma a responsabilidade de sistematizar e organizar a doutrina cristã, e divulgá-la aos habitantes do Império Romano, com o objetivo de enfraquecer o paganismo romano, contrapondo-se ao pensamento grego e impondo-se ao mundo judeu.

Como, por exemplo, para Santo Agostinho, um dos pais da Igreja Católica, a alma está acima da razão, da moral e da ciência. Ela é a realidade primeira, possui diferentes graus e tem diferentes funções, participando não só do mundo sensível, mas também possuindo conhecimentos que não passam pelos sentidos; é capaz, portanto, de intuições que a colocam em contato com as coisas eternas, em presença da realidade espiritual de Deus. Já São Tomás de Aquino (1225-1274), influenciado pela teoria aristotélica, discute a alma de forma tão interessante, que essa discussão é considerada a base filosófica da teologia da Igreja Católica.

Evidente que este longo período romano e “eclesial”, que ainda hoje influencia, desenvolveu um enorme acervo teórico argumentativo a respeito dos mesmos assuntos que a filosofia grega também já havia abordado longamente. Entretanto, pode-se dizer que a Igreja não conseguiu tratar nenhum assunto por si só, ou seja, sempre olhou para todos eles com os “óculos” (como diria Kant) da religião, da Teologia, logo, foi impossível um entendimento da alma, ou da anima, sem o viés “divino”.

Após este período, a história humana chegou a um outro paradigma, a partir do qual passa a entender e explicar aqueles mesmos assuntos, já tratados pelos gregos e pelos romanos, pela Igreja, resultando numa nova forma de ver e organizar o mundo.

Este será o período do Renascimento, ou também conhecido como período do Iluminismo/das Luzes, ou seja, após a escuridão da Idade Média, chega-se a um novo momento, este iluminado pela razão. O capitalismo emerge e com ele novas formas de organização humana do ponto de vista da economia e da sociedade. O homem passa a ser visto de forma diferente e se torna o criador do seu mundo. O filósofo René Descartes postula a separação entre alma (mente, numa linguagem psicológica) e corpo. Estabelece-se o dualismo mente-corpo, o que torna possível os primeiros estudos do corpo humano morto.



Esse filósofo simbolizou a passagem do Renascimento para o período moderno da Ciência. Para ele, o corpo abarcava todas as funções de sobrevivência, e a mente tinha somente uma função: o pensamento. Com isso, desvia as atenções do estudo da alma em seu sentido abstrato, para o estudo da mente e das funções que ela executa.

Considera-se que essa *mente*, é a grande contribuição de Descartes para a Psicologia. Mente que possui a capacidade de pensar, e é ela que nos fornece o conhecimento do mundo externo. No entanto, esta deve ter um ponto de interação com o corpo. Da mente originam-se duas espécies de idéias: as chamadas idéias derivadas (geradas a partir da experiência sensorial), e as idéias inatas (as que se desenvolvem exclusivamente a partir da mente, independente de experiência sensorial, e existem enquanto potencial desde o nascimento, enquanto categoria inata do ser). A partir de René Descartes o desenvolvimento do pensamento foi muito rico, extremamente rápido, e é interessante observarmos, a partir desse momento, a inserção da ideia de “mundo mental”.

A Idade Moderna (séc. XVII e XVIII) caracteriza-se pela força da razão natural. É o projeto iluminista conduzido pelo mais rigoroso racionalismo, com as preocupações voltadas para as questões da verdadeira capacidade de o homem conhecer-se e conhecer a realidade que o envolve. O Racionalismo teve uma forte influência no desenvolvimento da Psicologia Moderna.

ALMA E RACIONALISMO

No início do século XIX, período do positivismo racional, nasce a Psicologia como Ciência, fortemente dominada pelo pensamento empírico, ou seja, toda e qualquer teoria, que se pretendesse científica, precisaria passar pelo crivo do experimento, que por sua vez implicava na observação e comprovação – ou refutação – de hipóteses a serem testadas.

A Ciência torna-se o referencial para entender os assuntos que intrigam o homem, e passa a postular a necessidade de um maior rigor científico para a construção das teorias capazes de explicar aqueles temas que os filósofos e Teólogos também já buscaram entender, inclusive, a questão da alma, ou da anima do ser humano, que neste período, passa a se tornar conteúdo de uma área específica, a Psicologia.

Assim sendo, a Psicologia "científica", ou seja, a Psicologia moderna, nasceu no século XIX, de mãos dadas com o desenvolvimento do conhecimento médico e biológico,



especialmente neurológico e psicofisiológico. A revolução causada pelas teorias evolutivas de Charles Darwin (1809-1882), cujas teses sobre a origem das espécies logo foram aplicadas à própria sociedade humana, também foram fundamentais para a construção deste novo paradigma de “entendimento”. De qualquer forma, é importante compreender como as novas perspectivas científicas se voltaram para o estudo da subjetividade humana, entre muitas outras temáticas e buscas pelo saber.

Neste caminho, o primeiro laboratório de psicologia experimental foi fundado em 1879, na Universidade Alemã de Leipzig, e foi obra do filósofo e psicólogo Wilhelm Wundt (1832-1920). Este evento é considerado o marco fundamental da Psicologia moderna, ou seja, demarca a separação definitiva da filosofia, constituindo-se numa área devidamente científica.

A partir desse cenário inicial surgiram novas propostas, considerações e quais poderiam ser as melhores abordagens para seu estudo rigoroso e científico de temas como: o sistema nervoso, o comportamento, a percepção, a mente humana, enfim, sobre a subjetividade humana. Disto, resultaram diferentes “escolas de pensamento” na área da Psicologia.

Desta forma, temos, entre outras, na modernidade o desenvolvimento da Psicologia Behaviorista (derivada de uma corrente positivista e que definirá o homem e seus processos psíquicos como um ser primordialmente governado por estímulos do meio); a Psicologia Humanista (derivada da Fenomenologia e do Existencialismo, e que definirá o homem como um ser intencional, dono de seus atos e de sua consciência); a Gestalt (que com certa influência fenomenológica, explora a atenção, a percepção e a tomada de consciência pelo organismo como um todo) e a Psicanálise, que apesar de ter nascido no mesmo período que as demais PsicoLOGIAS, possui algumas peculiaridades, entre elas, a formulação da existência de outra instância psíquica para além da consciência, o *Inconsciente*.

Após estas primeiras correntes da Psicologia irão surgir novas vertentes de pensamento, as quais terão temas de interesses diversos, com proposições de estudos distintos, entre os temas estudados, podemos citar: questões ligadas à personalidade, memória, inteligência, aprendizagem, desenvolvimento psíquico, agressividade, sonho, comportamento em grupo, afetos, subjetividade, intersubjetividade, entre outros.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do percurso histórico apresentado, evidencia-se um longo caminho de estudos e dedicação na construção dos saberes em Filosofia e em Psicologia. Sendo que, como observado, a Psicologia é uma disciplina relativamente jovem, com cerca de 140 anos de existência. No entanto, as perguntas que recentemente permeiam a Psicologia, já faziam parte dos estudos e debates da Filosofia, como visto anteriormente.

As discussões sobre a alma/ânima perpassam os interesses do saber e demonstram as transformações, nas formas de entendimento, ao longo da história da humanidade, formas que foram mudando conforme os legados culturais/científicos vão se estruturando na sociedade.

A Psicologia e a Filosofia possuem tanto confluências como divergências, desde a busca pelo saber e entender, como nas interpretações sobre determinados temas. Todavia, é evidente a importância de ambos os saberes, os quais, de certo modo, estão conectados entre si, pois apesar das diferentes abordagens, o âmago das perguntas gira em torno do humano e da vida em sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **De anima**. Tradução de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34 Ltda., 2006.

BOCH, Ana M. FURTADO, Odair. TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo: Editora Saraiva, 1999.

REALE, Giovanni. **Aristóteles**. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz; Marcelo Perine. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.